

Lloyds Bank anuncia prejuízo

27 JUL 1987

Munda Broterma
por Tom Camargo
de Londres

O círculo, ainda que traçado a giz, está praticamente fechado. Com a decisão, anunciada na sexta-feira pelo Lloyds Bank, em Londres, de destinar o equivalente a US\$ 1,7 bilhão para sua provisão para devedores duvidosos com residência no Terceiro Mundo, praticamente todos os maiores bancos das principais praças já seguiram o exemplo dado pelo Citicorp no último mês de maio, colocando as negociações em torno da crise da dívida num patamar de construção completamente diferente daquele que sustentou devedores e credores nos últimos cinco anos.

O Lloyds, um tradicional parceiro brasileiro — o banco é um dos mais agressivos entre os estrangeiros que operam no mercado doméstico —, foi o terceiro entre os grandes bancos comerciais britânicos a entrar no que o mercado está chamando de "novo realismo".

Antes dele o Natwest, com o equivalente a US\$ 745 milhões, e o Midland, com o equivalente a US\$ 1,465 bilhão, tinham dado passo semelhante, para grande alívio do mercado acionário local, que vinha, de forma sistemática, depreciando as ações de bancos com grande envolvimento com risco soberano (de países).

Espera-se agora que o segundo maior banco comercial britânico, o Barclays, faça como o Lloyds e anuncie, junto com seus resultados semestrais, uma polpuda alocação para seus débitos duvidosos de origem externa. O mesmo deverá fazer uma casa menor, o Standard Chartered. O mercado londrino estima que o primeiro ponha de lado pelo menos algo como US\$ 1 bilhão, enquanto o segundo chegaria a pelo menos US\$ 1,1 bilhão.

"Não há como ocultar que a moratória brasileira foi o principal motivo por trás de nossa decisão", disse um dos segundos de Brian Pitman, principal executivo do Lloyds.

Para o "chairman" do banco, sir Jeremy Morse, um homem de estatura internacional que esteve no páreo para a sucessão de Jacques de Larosière à frente do FMI, o Lloyds deverá manter um perfil elevado nas transações com países e não pretende, "de forma alguma, por nenhum motivo", considerar perdas as operações mesmo com devedores tidos hoje como muito problemáticos.

(Continua na página 18)

Lloyds Bank anuncia prejuízo

por Tom Camargo
de Londres
(Continuação da 1ª página)

A exemplo do que decidiram o Citicorp e outros bancos de grande porte, o Lloyds deseja azeitar sua participação em todos os novos instrumentos e programas financeiros que configuram a chamada 'opção menu', onde aparecem com destaque negócios como a conversão da dívida por investimento, bônus de saída para pequenos credores e procura de maior espaço no mercado doméstico de credores com bom potencial de desenvolvimento.

to, como é o caso do Brasil. Devido à provisão anunciada, o Lloyds registrou um prejuízo de US\$ 1,115 bilhão no primeiro semestre de 1987. O grosso dos recursos veio da base de capital próprio, isto é, dinheiro dos acionistas, cujo bolo foi cortado de 2,755 bilhões de libras para 2,14 bilhões de libras.

Abstraido o impacto das provisões, o Lloyds escreveu um lucro líquido de 369 milhões de libras (cerca de US\$ 590 milhões), pouco superior ao do primeiro semestre de 1986, quando se

escreveu 335 milhões de libras.

Enquanto na frente doméstica, a maioria das operações se mostrou lucrativa (com exceção da divisão que abriga as atividades de banco de investimento, onde o "big bang" da City londrina foi mal digerido, registrando perdas de 20 milhões de libras), no território internacional as provisões implicaram prejuízo de 701 milhões de libras (cerca de US\$ 1,121 bilhão), o que, em perspectiva, deixou excelente o lucro líquido dos primeiros seis meses do ano passado, de 47 milhões de libras.

27 JUL 1987

GAZETA MERCANTIL